

DEMOCRACIA EM PERSPECTIVA: UM CONTRAPONTO ATUAL ENTRE AS TRAJETÓRIAS DE MODERNIDADE BRASILEIRA, SUL-AFRICANA E EUROPEIA

DEMOCRACY IN PERSPECTIVE: A CURRENT COUNTERPOINT BETWEEN BRAZILIAN, SOUTH AFRICAN AND EUROPEAN MODERNITY TRAJECTORIES

resenha

Joyce Gotlib*

MOTA, Aurea; WAGNER, Peter. *Collective Actions and Political Transformations: The entangled experiences in Brazil, South Africa and Europe*. Edinburgh: University Press, 2019. 258p.

Palavras-chave: Democracia. Ações coletiva. Trajetórias de modernidade.

Um espectro ronda a Europa, mas não somente a Europa, como todas as nações do planeta. O espectro do ultraconservadorismo. A ascensão de partidos protofascistas em países da Europa e da América latina, assim como a eleição de Donald Trump nos EUA e de Jair Messias Bolsonaro no Brasil, têm deixado em alerta nossa comunidade

acadêmica. Acreditava-se que a democracia – marcada por seus valores como a igualdade, a liberdade e a autonomia – era o regime por excelência das nações modernas. Nesta eloquente obra intitulada *Collective Actions and Political Transformations*, a socióloga brasileira Aurea Mota¹ e o sociólogo alemão Peter Wagner² procuram problematizar

* Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Mato Grosso (IFMT), Juína, MT, Brasil. E-mail: joyce.gotlib@jna.ifmt.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5863-6384>.

1. Aurea Mota é uma socióloga de orientação multidisciplinar, com interesses de pesquisa na área de Teoria Social e de Sociologia histórico-comparativa. Formou-se Doutora em Sociologia pelo IESP-UERJ (Instituto de estudos em sociedade e Política- Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Atualmente é membro do grupo de Filosofia Política da CLACSO (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais) e pesquisadora associada do PRODEP (Projeto Democracia Participativa) da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

2. Peter Wagner é pesquisador e professor de Ciências Sociais do Instituto Catalão de Pesquisas e Estudos Avançados (ICREA) e da Universidade de Barcelona, assim como diretor de projetos da Universidade Federal de Ural. Seus estudos se concentram na área de Filosofia Política e Social, como também as investi-



os movimentos políticos recentes, tendo como fio condutor a seguinte indagação: pode-se afirmar que estamos experimentando um novo estágio da modernidade caracterizado pela crise da democracia?

Com foco na mudança social e apoiando-se em uma perspectiva relacional, os autores visam compreender como e em quais circunstâncias a ação coletiva possibilita mudanças políticas positivas, mesmo em períodos sombrios como os vivenciados atualmente.

Mota & Wagner selecionam como regiões de investigação o Brasil, a África do Sul e a Europa³. O recorte temporal da análise em cada região de investigação seguiu o entendimento dos autores quanto à ascensão de ações políticas que caminham na mesma direção do sentido de democracia que norteia a obra.

É preciso elucidar o sentido dado ao conceito de democracia. Os autores argumentam que democracia (ou modernidade política), em seu sentido integral, pressupõe a existência de uma coletividade que exerce sua autonomia coletiva e que é capaz de agenciar uma reflexividade orientada por problemas de forma consciente e autônoma. Tendo como norte esse quadro teórico, a hi-

pótese central defendida pelos escritores diz respeito aos espaços para a transformação da ação política: esses seriam mais amplos em contextos do Sul do que nos do Norte, assim como o desejo e a determinação para usufruir desses espaços.

Acerca do arcabouço teórico que embasou o livro, Mota & Wagner partem do pressuposto de que existem diferentes trajetórias de modernidade. Outrossim, não entendem essas trajetórias como paralelas, mas sim interconectadas e entremeadas. Adotam, ainda, o termo “interpretações de modernidade”, tendo em vista salientar que “sempre há diferentes direções nas quais se pode seguir do presente. O passado não pode ser alterado, mas pode ser reinterpretado, permitindo uma variedade de opções futuras (tradução nossa) (p. 19)⁴.

Quanto à organização do livro, este se divide em cinco partes: a primeira contempla um capítulo introdutório, com o objetivo de situar o posicionamento dos autores com relação ao debate mais amplo nas ciências sociais a respeito do tema tratado. A Parte I, intitulada “Trajetórias da Modernidade: Como nós chegamos onde estamos”, abrange os capítulos 2, 3 e 4, que tratam das trajetórias históricas das modernida-

gações na área de Sociologia histórico-comparativa, com foco no contexto moderno contemporâneo. Atualmente, o autor participa do projeto de pesquisa “The debt: historicizing Europe’s relations with the ‘South’”, financiado pelo HERA (Humanities in the European Research Area) e coordena o projeto de pesquisa “Varieties of modernity in the current global constellation: the role of the BRICS countries and the Global South”, financiado pela *Russian Science Foundation*.

3. A escolha dessas “regiões mundo” não é aleatória. Peter Wagner dirigiu o projeto de pesquisa TRAMOD (Trajectories of Modernity), executado entre 2010 a 2014, na Universidade de Barcelona, que englobou pesquisadores de diversas nacionalidades, incluindo a autora do livro Aurea Mota, com foco no entendimento das trajetórias de modernidade em contextos europeus e não europeus. Sendo assim, a bagagem acumulada nesses anos, incluindo relatos de experiência, trocas de saberes e dados empíricos, contribuiu para a percepção mais aguçada dos processos políticos em andamento nos contextos do Norte e do Sul, foco deste livro.

4. No original, “*there are always different directions in which one can go from the present. The past cannot be altered, but it can be reinterpreted to allow for a variety of future options*” .

des europeia, brasileira e sul-africana, desde o período da colonização até o século XX. Na Parte II, nomeada “Liberdade, Igualdade e Solidariedade” e formada pelos capítulos 5, 6 e 7, explora-se a imbricação entre capitalismo e democracia, tendo em vista a compreensão da definição corrente de democracia e sua correlação com os padrões de exclusão/inclusão em cada uma das regiões investigadas. A Parte III, denominada “Alargando o escopo da ação política”, reúne os capítulos 8 e 9. O intuito é ressignificar esferas da vida coletiva que são descon sideradas do invólucro de ações políticas: a ecologia e a seguridade pessoal. Na última Parte do livro - IV, nomeada “Repensando as possibilidades de agência política”, os autores enfatizam o contexto recente, procurando compreender os impactos das novas formatações de ação coletiva no processo de mudança política, direcionando o olhar para as alternativas políticas em curso nos contextos brasileiro e sul-africano.

No primeiro capítulo, intitulado “Política e modernidade sob condições contemporâneas”, os autores dissertam sobre um dos aspectos centrais da modernidade, segundo eles: a interconectividade característica desse momento histórico, pondo em cheque teorias solidificadas sobre o surgimento do mundo moderno. Apoiando-se em Osterhammel (2009) e Gaonkar (2001), Mota & Wagner sustentam a premissa de que a modernidade se deu a partir da interconectividade entre Europa Ocidental, África e América. No entanto, sabiamente, demarcam que as relações entre essas “regiões mundo” eram altamente assimétricas, corroborando com as teses de Mignolo (2011) e Quijano (2005) sobre os efeitos do processo de colonização em contextos do Sul. Sendo assim, os autores buscam construir uma ampla discussão a respeito das definições já

sedimentadas sobre a modernidade política, demonstrando as encruzilhadas contidas em teorias, tanto clássicas quanto contemporâneas, acerca da relação entre autonomia individual, liberdade e modernidade.

No Capítulo 2, Mota & Wagner dão relevo para a construção do que os autores denominam “Mundo Atlântico” e nos impactos dessa criação para o desenvolvimento de uma consciência global, a partir do encontro com o outro radical (*the radical other, no original*). Nesse sentido, o novo tempo se iniciava e de desdobrava a partir de um dilema: a questão da alteridade dada com base na distinção entre europeus e os povos originários do Novo Mundo.

No Capítulo 3, denominado “Uma modernidade assimetricamente consolidada”, os autores procuram evidenciar a criatividade e competência da nascente sociedade civil brasileira e sul-africana e sua capacidade de agência e mudança. Os autores debruçam-se sobre o Estado Novo no Brasil, o *Apartheid* na África do Sul e o fascismo/nazismo na Alemanha, tratando este último como um dos modelos de organização sociopolítica que emergiram no século XX na Europa. Assim, na contramão da análise de Polanyi (1973) acerca do caráter intrínseco entre modernidade e nacionalização, os sociólogos visaram demonstrar que a trajetória seguida por cada país europeu deve ser tomada como particularidade deste contexto, já que a modernidade é um fenômeno global.

No Capítulo 4, “Transformações da modernidade por meio da crítica e da contestação”, por sua vez, os autores objetivam descrever as reinterpretações de modernidade observadas no período histórico compreendido entre 1960 e 1990 nas “regiões mundo” investigadas na obra. O que se procurou enfatizar foi a tipologia de mudança polí-

tica, vislumbrada tanto no Brasil como na Europa e na África do Sul e as formações de ações coletivas percebidas em cada contexto para alcançar as mudanças demandadas. Os autores sugerem que uma nova interpretação de modernidade estava sendo elaborada nas sociedades latino-americanas e africanas, ligada a um projeto de democracia igualitária e inclusiva, com um alto grau de participação.

O Capítulo 5 aborda as mudanças percebidas na segunda metade do século XX nas relações econômicas e na imbricação entre capitalismo e democracia. O objetivo foi compreender as especificidades das constelações regionais e a interconectividade entre Europa, Brasil e África do Sul, tendo como premissa que existem variedades de capitalismo. Uma das distinções centrais entre as três regiões, sustentadas pelos autores, é com relação ao compromisso com a democracia:

Enquanto em situações similares na Europa, com a excessão da Grécia, o compromisso com a democracia formal era suficientemente pronunciado para evitar sua auto-destruição [...], na América Latina a suspensão da democracia, na maioria dos casos com o apoio dos E.U.A., era a regra, e a persistência da democracia, uma excessão(tradução nossa) (p. 94)⁵

No Capítulo 6, intitulado “Inclusão e Exclusão”, o objetivo é compreender de que

modo determinadas injustiças históricas podem ser mobilizadas como uma motivação para a ação coletiva. Os autores ressaltam as semelhanças entre o contexto brasileiro e sul-africano, dentre elas o fato de a coesão social, nessas regiões, ter sido determinada por categoriais raciais, isto é, as formas de inclusão/exclusão teriam sido menos abertas ao “outro interno”⁶ do que no modelo erguido nos países europeus. No entanto, para Mota & Wagner, isso não pode ser tomado como argumento para adjetivar o contexto europeu como sinônimo de trajetórias de modernidade mais inclusivas e igualitárias. Com relação aos imigrantes, os sociólogos destacam:

O fato de que o modelo europeu de inclusão realmente almejasse incluir todos os cidadãos não significa que ele foi bem sucedido. A justiça social permanece como sendo um significativo desafio para a maioria dos estados europeus, como o é para a própria União Européia (tradução nossa). (p. 106)⁷

Na visão dos autores, no contexto europeu o processo de reconhecimento dos direitos da classe trabalhadora se deu a partir de um compromisso entre as classes, incluindo a burguesa. No entanto, salientam que os padrões de exclusão/inclusão na Europa adquiriram esse formato devido a movimentos de pessoas, bens e ideias entre as três regiões. Isto é, a construção de um padrão mais igualitário naquele continen-

5. While in similar situations in Europe, with the exception of Greece, the commitment to formal democracy was sufficiently pronounced to avoid democracy's self-cancellation [...], in Latin America the suspension of democracy, in most cases with the support of the US, was the rule, and the persistence of democracy the exception.

6. No original, *internal other*(p. 105).

7. No original, “The fact that the european model of inclusion truly aims to include all citizens does not mean that it succeeds. Social justice remains a significant challenge to most european states, as it does to the European Union itself”.

te, detalhada neste capítulo, só foi possível porque, na outra margem do mundo atlântico, se ergueram padrões desiguais de inclusão que continuam contaminando as estruturas políticas em vigor.

No Capítulo 7, debate-se o tema das políticas públicas recentes com foco na ampliação da igualdade social entre os cidadãos. Explora-se a relação entre igualdade política formal e desigualdade social, a fim de identificar as políticas públicas, direcionadas ao aumento da equidade social no Brasil, África do Sul e Europa, e como essas se articulam com a reprodução/transformação da configuração societal. O objetivo foi compreender como as desigualdades sociais são produzidas, reproduzidas e convertidas em fonte de ação coletiva nos contextos modernos dos hemisférios Norte e Sul.

Mota & Wagner procuram demonstrar que, nos contextos do Sul, as políticas públicas direcionadas à redução das desigualdades e as instituições políticas criadas para atender tais projetos, apesar de funcionarem mediante princípios democráticos, não atingem seu fim último, a plena democratização das instituições, já que não conferem total autonomia, tanto individual quanto coletiva, aos demandantes dessas políticas. E ainda apoiam-se em dados relativos às percepções dos cidadãos a respeito de justiça e equidade para dar substância ao argumento defendido.

Em seguida, na Parte III do manuscrito, mais precisamente no Capítulo 8 nomeado “A Amazônia, o Rinoceronte e O céu azul sobre o Ruhr”, Mota & Wagner trazem à tona a temática da conservação ambiental, a fim de dar mais caldo à tese central sobre a

interconectividade entre as regiões. A escolha é fortuita, já que permite visibilizar as relações de poder entre as nações colonizadas e colonizadoras historicamente construídas e reproduzidas também no campo ambiental. Os autores sintetizam o contexto global ambiental de hoje em dois elementos: a capacidade das sociedades do Norte de deslocar a devastação ambiental para o Sul enquanto permanecem com os lucros corporativos; e a incapacidade das sociedades do Sul de acionar deslocamentos similares e de desenvolver estratégias inéditas para o progresso social.

No Capítulo 9, nomeado “Violência, autonomia e vida cotidiana nas democracias”, os sociólogos procuram problematizar como as práticas cotidianas e as percepções de violência e seguridade variam de acordo com os *containers* erguidos em cada sociedade, influenciando no sentido de democracia vigente. Os autores pleiteiam que o conceito de autonomia se conecte a um entendimento específico do que constitui humanidade. Em vista disto, os autores sugerem uma noção mais ampliada de violência:

Para nós, violência designa uma relação política simbólica, discursiva e/ou física na qual a autonomia se torna difícil de ser atingida já que há a imposição de uma vontade sobre outra, compelindo os demais a agirem de um modo diferente do desejado. Violência implica uma falta de autonomia para aquele que sofre as consequências de uma ação violenta realizada por outro; e isso mostra a fraqueza do violador e seu ou sua incapacidade de se relacionar com o outro violado por trocas comunicativas por meio de um modo reflexivo (tradução nossa) (p. 162)⁸

8. No original: “For us, violence designates a symbolic, discursive and/or a physical political relation in which autonomy becomes harder to achieve because one imposes one’s desire onto another, compelling

Os sociólogos procuram provar a correlação estreita entre os níveis de experiências cotidianas com a violência e as injustiças históricas, cometidas contra determinados grupos, buscando evidenciar que quando a violência é continuamente aplicada contra grupos específicos da sociedade, esta impõe severos limites ao exercício da ação democrática e da autonomia.

No Capítulo 10, intitulado “Democracia em transformação”, Mota & Wagner procuram dar ênfase à relação entre os cidadãos e a comunidade política, entendendo a última como motor da democracia. Sendo assim, os sociólogos se debruçam sobre as mobilizações sociais ocorridas na Europa, no Brasil e na África do Sul contemporâneos, a fim de compreender o processo de transformação da democracia nesses contextos, destacando o papel dessas mobilizações no processo de mudança política. Para isso, realizam uma breve digressão sobre o conceito de movimentos sociais, contrastando-o com o conceito de ação coletiva, acreditando ser esse o arcabouço teórico mais indicado para a compreensão das mudanças políticas e de seus autores no cenário atual, especialmente quando se trata de contextos do Sul. Em seguida, os autores apresentam dados estatísticos sobre a avaliação dos regimes democráticos europeus, ao fim e ao cabo, procurando evidenciar os equívocos de investigações que se pautam na insatisfação política (DI PALMA, 1969, 1970) como padrão de conduta dos cidadãos em contextos modernos. O caso português é evidenciado, a

fim de demonstrar o poder de mudança das ações coletivas, mesmo aquelas sem prévia organização. Do outro lado do Atlântico, o caso brasileiro parece, segundo os autores, apontar na mesma direção. As manifestações de junho de 2013 e a greve dos caminhoneiros de maio de 2018 ganham evidência, tendo em vista ressaltar a importância das mobilizações não institucionalizadas, sem a liderança direta de sindicatos e partidos políticos.

No Capítulo 11 “Histórias entrelaçadas, possíveis futuros - Norte e Sul” que encerra o livro, os autores apresentam as considerações finais da obra. Uma delas diz respeito à porosidade do Estado. De acordo com Mota & Wagner:

Nossa análise tem mostrado que tanto no Norte global quanto no Sul global, os estados contemporâneos tem suas fronteiras menos delimitadas, tanto internamente quanto externamente, do que as concepções teóricas podem aceitar (tradução nossa) (p.197)⁹

Conclui-se que, contrários ao relativo consenso entre os teóricos contemporâneos de que *There is no alternative*, Mota & Wagner procuram olhar para o futuro com certo otimismo, crendo existir saídas para a crise democrática do capitalismo europeu, em parte sendo produzida nas mudanças políticas observadas a partir dos anos 1980 em contextos do Sul. Os autores reforçam que, para compreender os movimentos recentes, de ascensão inesperada de partidos de ex-

them to act in a manner that would otherwise be different. Violence implies a lack of autonomy for the one who suffers others consequences of another's violent action; and it shows the weakness of the violator and his or her inability to relate to the violated other by communicative exchange through reflexive means”.

9. No original, “Our analysis has shown that in both the global North and the global South contemporary states are much less bounded, internally as well as externally, than prevailing conceptions can accept”.

trema direita, com feições xenofóbicas, sugerem a necessidade de se debruçar sobre as ações coletivas que vêm se multiplicando em cenários contemporâneos, tanto do Norte como do Sul.

Portanto, deve-se reconhecer na obra *Collective Actions and Political Transformations: The entangled experiences in Brazil, South Africa and Europe* um esforço metodológico dos autores em construir uma análise de grande envergadura sobre a modernidade entre as regiões investigadas. No entanto, as armadilhas existentes neste trajeto se mostram sedutoras, tornando-se difíceis de serem transpostas. Mesmo assim, o livro pode ser considerado como um experimento bem-sucedido de análise comparativa, que adota um olhar mais simétrico sobre as experiências de democracias em países como Brasil e África do Sul e países europeus, com perspectivas macrosociológicas. Dessa forma, pode desempenhar um papel primordial para o campo da sociologia.

Referências

DI PALMA, G. Disaffection and participation e in Western democracies: the role of political oppositions, *Journal of Politics*, p 31: 4, p. 984–1010.

_____. *Apathy and Participation: Mass Politics in Western Societies*. New York: Free Press, 1970.

GAONKAR, D. P. (ed.). *Alternative Modernities*. Durham, NC: Duke University Press, 2001.

HABERMAS, J. *The Theory of Communicative Action*. 2 vols, Boston: Beacon, 1981.

MIGNOLO, W. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham, NC: Duke University Press, 2011.

OSTERHAMMEL, J. *Die Verwandlung der Welt*. Munich: Beck, 2009.

POLANYI, K. *The Great Transformation: The Po-*

litical and Economic Origins of Our Time. Frankfurt am Main: Suhrkamp. 1973.

QUIJANO, A. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005.

Recebido em: 25/04/2020

Aprovado em: 09/05/2020

